

FLUÊNCIA NAS AFASIAS

Aline Jéssica PIRES
Larissa Grazielle BAJAY
Orientadora: Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto

Resumo: Este texto pretende discutir o modo como o conceito de *fluência* vem sendo tratado na literatura do estudo das afasias, tanto na perspectiva neuropsicológica tradicional quanto na perspectiva enunciativo-discursiva, bem como sua relação com o conceito de *disfluência*.

Palavras-Chave: Neurolinguística, Afasia, Fluência

O estudo das afasias tem sido marcado pela definição de categorias que relacionam a lesão às dificuldades de linguagem que comumente aparecem na produção do sujeito afásico. Uma das dicotomias mais recorrentes na literatura da área é entre a *fluência* e a *disfluência*, também associadas à afasia de Broca (relacionada a lesões ao pé da terceira circunvolução frontal do hemisfério esquerdo, área anterior do cérebro), também chamada de *afasia de produção*; e de Wernicke (relacionada a lesões na primeira circunvolução temporal, área posterior do cérebro), ou *afasia de compreensão*, respectivamente. Essa separação entre fluência e disfluência, quando analisada no âmbito dos estudos da Linguística, torna-se passível de crítica, pois é entendida como uma “divisão, que apela para a pouca produtividade entre uso e conhecimento” (Scarpa, 1995, apud Novaes-Pinto, 2012; p.5). Scarpa (1995) critica especialmente o fato de que a disfluência é colocada em oposição à fluência, enquanto a autora defende que a primeira é parte constitutiva da fluência.

Andrade (2009) evidencia que um mesmo sujeito, independente de ter afasia ou não, pode apresentar variação na fluência no momento da construção de seu enunciado e que isso se deve a várias características, como a situação, o conhecimento que se têm do tópico discursivo e o grau de formalidade.

Diante de tais categorizações, como distinguir o que é normal e o que é característico da afasia? A disfluência é descrita como aquela em que a produção é trabalhosa, em que o sujeito tem dificuldades para emitir um enunciado. Tais dificuldades podem ser: articulatórias; de encadeamentos de elementos lexicais em cadeias sintáticas, a chamada *fala telegráfica*; ou mesmo uma dificuldade de achar palavras.

Uma das grandes diferenças entre a fala afásica fluente e a não-fluente é o fato de normalmente não existir dificuldade articulatória e o discurso ter um fluxo contínuo. Seguem abaixo alguns exemplos de falas de sujeitos afásicos em um diálogo com Irs, não afásica¹.

DADO 1:

- 01- MG: Eu não vou de ônibus mesmo.
02- TN: Ah é?
03- Irs: Cê não vem de ônibus?
04- MG: Tem que ter motorista.
05- TN: Isso, isso.
06- Irs: Ah, então explica ninguém [[tá sabendo
07- MG: [[Por que minha motorista naquela época estava ...
08- TN: Ah, é?
09- MG: Ela teve um craque nela como é que é? Como é que chama? Cra/, não é craque, é croque.
10- Irs: Não sei, conta ninguém tá sabendo da história.
11- MG: Quando quebra é...
12- Irs: Duas semanas, o que que aconteceu na primeira
13- MG: Então na primeira ela ... ela se quebrou... ela se... [[ela se quebrou
14- Irs: [[Ela quem? ... Ela quem?
15- MG: Ela, minha esposa.
16- Irs: Então conta pra Tereza.

DADO 2:

- 01- MG: Porque ela foi... ela foi pra São Paulo ela:... a irmã tá também...com problemas sérios de (aponta para o peito) de saúde
02- Irs: Uhum

No dado 1 acima, nos enunciados 07 e 09 MG apresenta dificuldade de encontrar palavras e no enunciado 13 há hesitação, características da fala não-fluente. No enunciado 09, *Como é que chama* denota a tentativa de acesso lexical, isto é, uma busca pelo nome. É interessante notar que no enunciado 05, ao dizer “Isso, isso” TN não recorre apenas ao recurso de repetição, mas a um recurso que pretende atribuir ênfase ao enunciado. No dado 2, MG apresenta repetição, *ela foi... ela foi*, e o alongamento da vogal final em *ela*:

A representação da hesitação no discurso constitui indício de tensões e de conflitos que caracterizam o processo de produção do discurso ou, em outras palavras, indício de deriva e de ancoragem [...] as exitações exibem pontos em que o sujeito negocia com os outros constitutivos de (seu) discurso, ao revelar ajustes mais complexos na língua. (Novaes-Pinto, 2012, p.6-7)

¹ O dado transcrito foi fornecido pela bolsista PAD Dayane Dresch e se trata de uma seção de terapia em grupo do CCA (Centro de Convivência de Afásicos) ocorrida em 02 de abril de 2013. Optamos por uma transcrição que não leva em conta aspectos fonéticos pois esse não era nosso objetivo de análise.

As marcas de hesitação em sujeitos afásicos e não-afásicos se mostram diferentes, como apresenta o trabalho de Viscardi (2012): “Se se considerar que o alongamento, associado à curva entoacional descendente, caracteriza o processo hesitativo, a manutenção deste padrão na repetição poderia sugerir que o sujeito permanece no processo hesitativo” (p.107), e a mudança entoacional ocorreria ao encontrar a palavra procurada, o que indica a retomada da fala. Na fala não-afásica a repetição vem acompanhada de características prosódicas que indicam o fim do processo hesitativo, nela encontra-se diferença no tempo da produção e na curva entoacional da matriz e da repetição; enquanto na fala afásica encontra-se a semelhança em ambos os casos, há situações em que se pode até encontrar o comportamento oposto ao da fala não afásica, com uma curva entoacional ascendente.

O dado abaixo, retirado de Viscardi (2012, p.103), ilustra uma situação de hesitação e repetição de um sujeito não-afásico, que no caso é EM:

- 01-> EM: a gente viu +aqui a: (--) a nair+ (--) defendê porque lula
 02 em: + aponta para nair +
 03 EM: (--) agora os rapazes (-) por que geraldo (-) porque alckmin
 04 (.)
 05 MS: ãh (-) [e]u [gosto] dele
 06 EM: [por que] [ela deu^ela deu] (.) pô [mais:]
 07 MS: [aha]haha[haha]
 08 NS: [não o=o::] o
 09 outro tadinh[o] a=a
 10 EM: [aSSIM?]

Na linha 01, pode-se ver o alongamento da vogal *a* seguido pela repetição, pela pausa e depois por um nome; já na linha 06 ocorre a repetição de *ela deu*. Os fenômenos da repetição e da hesitação são recorrentes na fala cotidiana. O primeiro consiste na retomada de um item anteriormente ativado, e diz respeito à formulação, ocorre, também, no nível sintático; enquanto que o segundo é um processo de construção e se dá no nível interacional e no fonético-fonológico.

Viscardi (2012) nos apresenta ainda o fenômeno da repetição hesitativa, que como ela bem coloca, consiste de dois fenômenos em um. Considerando que planejamento e verbalização são necessários para a construção de um texto falado, pode-se depreender que a hesitação e repetição são parte constitutiva da construção do texto; a primeira se caracteriza pela possibilidade de sua emissão; enquanto a repetição é uma estratégia primordial para a estruturação do texto, mais especificamente, como aponta a autora, um procedimento de reformulação, pois tem relação com o já dito anteriormente, esta não é uma *característica superficial da inconstância da oralidade*, mas fenômeno revelador da dinamicidade na organização da atividade verbal e na coerência textual por parte do sujeito.

Mesmo em sujeitos com a chamada *fala telegráfica*, definidora da afasia de Broca, em que há basicamente só o uso de substantivos, sem produções de conectivos ou verbos, existe um esforço comunicativo, e por muitas vezes ele leva a marcas na produção que são típicas de uma fala fluente, o que pode ser verificado no exemplo abaixo, extraído do trabalho de Novaes-Pinto (2012, p. 127), com o sujeito OJ:

OJ: Janeiro. Catorze. Seis horas.
 Irn: Seis da manhã ou da tarde?
 OJ: Tarde.
 Irn: E aí, o que aconteceu?
 OJ: Dor... Dor... Muita dor!
 Irn: Dor onde?
 OJ: Peito... Frio... Muito frio... Hospital, São Sebastião do Paraíso.
 Irn: Quem te socorreu?
 OJ: Maria José.
 //Mosta cicatriz no braço e no peito//
 Irn: E aí? Precisou fazer cirurgia?
 OJ: Amanhã... Ribeirão Preto.
 Irn: Ah, no dia seguinte foi para o Hospital em Ribeirão.
 OJ: Isso.

Percebe-se que OJ possui marcas de fluência na marcação de aspectos temporais quando repete os advérbios. Ele ainda utiliza gestos com as mãos para ajudar a identificar o tempo.

Assim para falar de algo que aconteceu antes do derrame, há bastante tempo, ele diz “*antes, antes...*”. Se algo ocorreu há muito tempo, diz ‘*antes, antes, antes*’, acompanhado de um gesto repetido feito com a mão, sobre o ombro esquerdo, para trás, indicando que o tempo já passou. O mesmo ocorre com “*depois*”, utilizando-se de gesto circular repetidamente feito com o dedo indicador. Para referir-se ao tempo presente, diz “*agora*” (Novaes-Pinto, 2012; p.128).

Esses recursos permitem que o afásico conquiste certa fluência em sua fala e construa a significação com a ajuda de seu interlocutor.

Um dos recursos dos afásicos para formular enunciados e encontrar palavras na interação dialógica é a repetição de palavras ou de expressões, além do fenômeno, aqui já citado, da hesitação e do alongamento das vogais. No dado abaixo, pode-se exemplificar tais características².

01- CS: Vixi... **Cê naum faz ideia**... Sabe o que eu fiz? Oh... Vamos se dizer,
 02- antigamente... Antigamente não... **Vamos se dizer**, quase cinco anos atrás... Eu
 03- peguei um... navio... Daquele grande, enorme lá...
 04- A: Sei...
 05- F: Foi fazer um cruzeiro?
 06- CS: É...
 07- F: Ah, que legal
 08- A: Cê gostou?
 09- CS: Hum... Tem hora que é um lixo... (risos)
 10- A: Por quê?
 11- CS: Por que cê... Aquele... Todo dia cê fica assim... Fica assim (**movimento de**
 12- **balanço**)
 13- A: Nossa, cê ficou enjoado?
 14- CS: É isso, é isso mesmo...

 15- CS: Ó, vou te contar uma outra coisa, que a gente... **eu... eu...** quase “quebrei”. Não
 16- vou falar que é, mas eu tinha 8 loja.

² Dado retirado de Andrade (2009), p. 26.

- 17- [A: Aham
 18- [F: Hum...
 19- CS: Aí, o que que aconteceu? Eu tinha, **vamos se dizer**, cinquenta funcionário.
 20- Hum... **tipo assim**, eu tava doente. Na... eu era... **é... é... Como é que chama isso**
 21- **aquí? Não a...** (apontando para a cabeça) Centro Médico, né?
 22- A: Aham
 23- CS: Aí eu fiquei vinte dias na UTI e **num sei o quê...** Aí fiz... Aí pro fim da turma...
 24- Num pode falar, porque é, sempre tem gente fina... Aí **paguei, paguei, paguei,**
 25- **paguei, paguei.** Vendi a, o, quatro loja e eu vendi e eu paguei. Aí ce fica meio com
 26- medo agora... Cê vê...

CS possui afasia classificada como fluente e em seu discurso algumas estratégias usadas para a construção ficam salientes. Como o uso das expressões *cê naum faz ideia* e *vamos se dizer*, além da repetição de palavras como em *paguei, paguei, paguei, paguei, paguei* e *eu... eu*. Tais repetições podem ser interpretadas, nesse dado, como um recurso enfático utilizado. Na afasia uma das estratégias utilizadas pelos sujeitos para a construção de seu discurso é a gestualidade, que pode servir para preencher a lacuna de uma palavra que o afásico não consegue produzir ou para enfatizar uma ação; vale ressaltar que tal característica ocorre também com sujeitos não-afásicos. Entretanto, no contexto da afasia ocorre com maior predominância, tal característica pode ser percebida nas linhas 11-12 em que CS, para dizer como o navio balança, faz um gesto.

As trocas de uma palavra por outra, como casos extremos na jargonafasia, ocorrem devido à relação do afásico com o *velho* e o *novo* que ele absorve da língua; há produções de coisas que já deveriam ter sido esquecidas, como sons que só se produz no balbucio (pois quando um sujeito é inserido em uma língua seu quadro de fonemas é reduzido a aqueles da sua língua materna, ele não produz mais todos os sons de todas as línguas). Ao mesmo tempo, coisas novas, que ainda deveriam estar em uso, são esquecidas, e assim o velho e o novo se misturam em sua fala. “Se antes a fala transcorria como natural, incompleta, com todas as marcas da fala humana, no estado afásico as palavras não estão mais à disposição, havendo uma interrupção no fluxo do discurso que afeta as condições em que se organiza a língua” (Coudry, 2012; p.140).

Jackson apresenta o exemplo de quando pede para um sujeito repetir a palavra *não*, e o sujeito lhe diz: *não, doutor, eu não consigo dizer “não”*.

Em nossa interpretação, o afásico não repete porque a palavra a ser repetida soa como nova, sendo que, na fala, dirigida ao outro e ancorada pelo sentido ela soa como *velha*, e vem à tona ativada pelo automático/involuntário e, por isso, não escuta/percebe sua fala (Coudry, 2012; p.140).

Os processos automatizados vêm com o uso repetitivo até que não seja necessário fazer o caminho neuropsíquico completo para realizar uma atividade. Para Freud, como aponta Coudry (2012), o contexto da repetição é propício para a manifestação da memória, sendo esta última entendida como uma “associação entre memórias continuamente compostas, decompostas e recompostas pelo próprio processo que as atualiza como lembranças. Desse modo, não há o que se recorda, mas modos de construir o que se recorda.” (Coudry, 2012; p.142)

Desse modo, pode-se afirmar que a prosódia não está completamente preservada na fala afásica e pode-se dizer, também, que os sujeitos afásicos “fazem uso dos recursos prosódicos com o intuito de organizar sua produção e garantir maior fluência oral e maior competência comunicativa” (Viscardi, 2012; p.111).

A partir de todas as considerações feitas aqui, pode-se concluir que a necessidade por encaixar indivíduos em grupos a partir de estatísticas não faz sentido perante sujeitos com características particulares e diversas formas de interagir em diferentes situações. Novaes-Pinto (2012) aponta dois possíveis caminhos no estudo das alterações de linguagens: o primeiro diz respeito à adoção de modelos, atentando para o fato de que eles têm limites explicativos e não são um retrato do real; já o segundo caminho se refere aos outros possíveis métodos de análise, como as análises qualitativas, que se caracterizam pela busca de pistas nos dados dos sujeitos que levam a compreensão de processos.

A autora ainda ressalta que as avaliações metalinguísticas, que caracterizam o método quantitativo, mostram que há um desacordo “entre o desejo de se compreender um *processo* e o estabelecimento de *modelos estatísticos*, nos quais não há lugar para as singularidades e para a subjetividade.” (Novaes-Pinto, 2012; p.121)

As categorizações são importantes na medida em que assumem um vocabulário em comum para que os membros da área possam dialogar. Entretanto, é necessário compreender que a categorização de *fluência* e *disfluência* é uma abstração e essas noções não podem ser entendidas apenas como consequência direta de uma lesão local, mas também em função de estratégias desenvolvidas pelos sujeitos afásicos nas interações dialógicas, levando em conta as particularidades de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, R.C. (2009). Questões neuropsicológicas e neurolinguísticas de uma afasia fluente e progressiva: inferências a partir de um estudo de caso para a clínica fonoaudiológica (Dissertação de Mestrado/IEL – UNICAMP).
- COUDRY, M.I.H; BORDIN, S.S. (2012). Afasia e infância: registro do (in)esquecível. In: Cadernos de Estudos Linguísticos, vol. 54, n.1, p. 135-153. Campinas, SP: Unicamp/IEL.
- NOVAES-PINTO, R.C. (2012). O conceito de *fluência* nos estudos das afasias. In: Cadernos de Estudos Linguísticos, vol. 54, n.1, p. 117-134. Campinas, SP: Unicamp/IEL.
- SCARPA, E. (1995). Sobre o sujeito fluente. In: Cadernos de Estudos Linguísticos, vol. 29, p. 163-184. Campinas, SP: Unicamp/IEL.
- SCARPA, E.; NOVAES-PINTO, R. (2012). Contribuições para o Estudo da (dis)fluência. In: Cadernos de Estudos Linguísticos, vol. 54, n.1, p. 05-09. Campinas, SP: Unicamp/IEL.